

*Havia tantas cores ali, quantas a natureza possui,
E a terra colorida brilhava com floração múltipla.* (Les Fastes, IV, 429-30)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.
_____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vols. I-II.
_____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis, Vozes, 1993.
CAMÕES, Luís Vaz. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1977.
CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. Trad. de J. Guinsburg e M. Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2003.
CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1999.
CHARADEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de Símbolos*. Trad. Vera Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
DUMÉZIL, Georges. *Du Mythe au Roman*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.
ECO, Humberto. *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
_____. *História das Crenças e das idéias Religiosas*. Trad. Roberto C. de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 2 v.
_____. *Mito do Eterno Retorno*. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryom, 1992.
LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. Colaboração na terminologia: Dr. João Santos. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
OVIDE. *Les Metamorphoses*. Tome I: (I – V). Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1961.
OVIDE. *Les Fastes*. Traduction nouvelle. Introduction, notes et texte établis par Émile Ripert. Paris: Garnier, s/d.
VIRGILE. *L'Énéide*. Nouvelle édition revue et augmentée avec introduction, notes, appendices et index par Maurice Rat. Paris: Garnier Frères, 1947. Vols. I e II.

Notas

¹ A responsabilidade da tradução é nossa. É a única obra ovidiana nessa medida de hexâmetro datílico. As outras são em pentâmetro elegíaco.

² O texto latino do poeta Ovídio utilizado neste trabalho foi o estabelecido por Georges Lafaye que observa que: *On ne connaît point de poète qui ait traité avant Ovide la légende de Narcisse, Não se conhece poeta que tenha tratado antes de Ovídio a lenda de Narciso*.

AS RELAÇÕES DE ASSIMETRIA PRESENTES NAS FÁBULAS DE FEDRO SOBRE A PREPOTÊNCIA

Profa. Aline Chagas dos Santos (UFRJ)

RESUMO:

A presente pesquisa tem como objeto a análise de algumas fábulas de Fedro sobre a prepotência, um dos costumes da sociedade na época do autor, que apresentam uma relação de assimetria entre os personagens. Julgamos que nas fábulas, veem-se refletidos os costumes corrompidos da vida humana, representados através das atitudes dos animais. Neste trabalho, serão feitos alguns comentários históricos, literários e estilísticos.

Palavras-chave: Fábula; Prepotência; Relação de Assimetria; Fedro

1. A FÁBULA

Do latim *fabula* (assunto de conversação, conversa), tendo como característica forte a oralidade, a fábula é uma pequena narrativa, cujas personagens são, na maioria das vezes, animais. Esses representam alegoricamente características dos seres humanos a fim de pregar suas virtudes ou criticá-los com um fundo moral, uma vez que há uma preocupação em expor os problemas em nosso cotidiano, retirando disso alguma lição.

Nas fábulas, encontramos temas como a inveja, a falsidade, a astúcia, a ganância, o abuso de poder etc. Esse tipo de literatura procura demonstrar as falhas e os valores dos indivíduos.

Quando o autor utiliza animais como personagens, geralmente escolhe o leão, o lobo ou a raposa para representar os mais fortes, ao passo que a ovelha, a lebre ou o asno para representar os menos fortes, os submissos. “Seus personagens, de diferentes origens, tendem a formar um conjunto mais ou menos homogêneo, dividido em dois grupos: aquele dos fracos, às vezes triunfadores pelo seu engenho ou destreza, e o dos fortes, que podem ser vencidos, mas nem sempre. A fábula nos apresenta o abuso do poderoso, a vaidade, a cobiça ou a estupidez dos que são satirizados.” (VIEIRA, 1992:12).

Segundo a professora doutora Ana Thereza Basílio, encontramos uma grande uniformidade de títulos. Eles apresentam geralmente os personagens em jogo como, por exemplo, uma das fábulas de Fedro, “Lupus et Agnus”. Mesmo que os personagens estejam unidos por uma conjunção coordenativa “e”, os dois personagens são imediatamente percebidos como mantenedores de uma relação de oposição, como um sujeito e um antissujeito. É por esse motivo que os textos das fábulas provocam uma reflexão sobre os

comportamentos dos indivíduos, ajudando-nos a compreender melhor a respeito do que é certo e errado.

Antes de ser um gênero literário, a fábula pertence à tradição oral de todos os povos. A coletânea indiana *Panchatantra*, difundida no séc. VIII em uma versão árabe sob o título *Fábulas de Bidpay* ou *Pilpay*, alimentou a inspiração de *La Fontaine* (séc. XVII), responsável por difundir e popularizar as fábulas em nosso tempo. Na Grécia, embora se encontrem fábulas entre os poetas mais antigos, como Hesíodo ou Estesícoro, foi Esopo que fez com que a fábula se tornasse popular, sendo considerado, portanto, o “pai das fábulas”. As narrativas que lhe são atribuídas foram publicadas por Demétrio de Falero (séc. IV a.C.) e, reduzidas a quadras por Ignatius Magister (séc. IX), foram conhecidas assim durante toda a Idade Média.

Entre os latinos, Fedro, liberto de Augusto, prolongou a tradição esópica, já que era o grande admirador de Esopo. Reescreveu diversas fábulas desse autor e, além disso, compôs algumas de sua própria autoria.

Ainda que tenha um grande valor, a fábula não goza do destaque que tanto merece. Cabe lembrar que se trata de um gênero riquíssimo em temas ligados à política, à questão social e à cultura de uma determinada sociedade, apontando as falhas presentes em nosso cotidiano. A partir daí, percebemos que é indispensável, às crianças e aos adultos, o acesso ao significado mais profundo existente nas entrelinhas de suas narrativas.

2.1. Esopo, o pai das fábulas

Esopo nasceu na Frígia, no séc. VII ou VI a. C. Personagem quase lendário, gago e corcunda (segundo Plutarco), foi condenado à morte pelos délficos.

O autor se tornou familiar na Grécia no século VI antes de Cristo. Graças à sua habilidade em utilizar velhos temas conhecidos do povo para criar fábulas, Esopo passou à história como criador do gênero ou “pai das fábulas”. Possuímos poucas informações a seu respeito e, por esse motivo, muitos pesquisadores afirmam que ele jamais existiu, e que se trata apenas de um artifício dos historiadores, para que o gênero Fábula não ficasse sem um criador definido.

Suas fábulas demonstram um profundo conhecimento do comportamento humano, abordando as falhas dos indivíduos e fazendo reflexão sobre os costumes destes, através de animais, objetos, deuses.

“Entretanto, ao que parece, cabe às fábulas esópicas o mérito da primazia em atribuir alegoricamente virtudes e defeitos humanos a determinados animais, como, por exemplo: ao leão, a majestade; à raposa, a velhacaria; ao lobo, a brutalidade; ao camelo, a complacência; à formiga, a previdência”, (AVELEZA, 1999:29).

Por esse motivo, as fábulas de Esopo, por terem um tom moralista, são, sem sombra de dúvida, didáticas, uma vez que têm o objetivo de explicar à sociedade as situações da vida prática cotidiana, chegando mesmo a sugerir soluções, principalmente no campo da convivência social.

3. FEDRO

Tito Júlio Fedro (*Titus Iulius Phaedrus*) nasceu na Trácia. Não se conhece a data exata, mas presume-se que tenha sido dez anos antes de Cristo, isto é, no 22º ano do império de Augusto. Era talentoso de profundo espírito satírico que agitou a sociedade da sua época, principalmente as figuras mais em evidência e de maior projeção do Império Romano. Jovem ainda foi levado a Roma, onde se tornou escravo de Augusto, que o libertou e lhe proporcionou a educação a que fazia jus, graças à dedicação às letras. A partir daí, passou a assinar *Phaedrus Augusti Libertus* (Fedro, o liberto de Augusto).

A maior parte de suas fábulas, distribuídas em cinco livros, versa sobre temas já tratados por Esopo, conforme o próprio Fedro declara no prefácio: *Aesopus auctor quam materiam repperit, hanc ego poliui uersibus senariis*. (Escrevi, em versos senários, o assunto destas fábulas que Esopo imaginou.). O autor era grande admirador de Esopo, reescreveu diversas fábulas desse autor e, também, muitas fábulas de sua própria autoria. Utilizou-se do mesmo recurso empregado na fábula grega: narrar uma pequena história alegórica, cujas personagens são animais simbólicos, e com ela ilustrar um pensamento ou máxima moral. Todavia escreveu em versos jâmbicos, ao passo que as fábulas atribuídas a Esopo eram em prosa.

Fedro procurava fazer uma descrição da sociedade e mostrar os seus defeitos, como, por exemplo, a prepotência, a inveja, a cobiça, a falsidade, a preguiça e outros, a fim de que os homens tivessem uma vida melhor e um desejo de elevação de espírito.

Depois da morte de Augusto, durante o Império de Tibério, foi vítima de uma terrível perseguição, por ordem de Lúcio Sejano, primeiro ministro de Tibério, que se viu atingido por algumas das suas fábulas. O autor foi exilado após a publicação do primeiro livro.

O livro foi apreendido, mas Fedro não desanimou. No exílio, onde experimentou as maiores dificuldades e privações, escreveu o segundo livro que, mais tarde, veio à publicidade juntamente com o primeiro. Ele conseguiu publicar ainda os livros terceiro, quarto e quinto.

Os escritores não recebiam o apoio dos imperadores, uma vez que estes não favoreciam as letras nem as artes em geral. Eles não queriam que a literatura servisse para delinear a política; ao passo que durante o reinado de Augusto, a literatura latina tornou-se a força operante do Estado Romano. O

culto e o exercício literários passaram a ser, até, sustento de alguns cidadãos romanos. Percebia-se o gosto pelas letras, que se desenvolvia sempre mais. Foram formados círculos literários, onde a literatura se tornou importante fato social.

O grande autor das fábulas demonstra, em suas obras, um profundo conhecimento da natureza humana, abordando as mais variadas fraquezas do homem e fazendo reflexões sobre o comportamento e costumes deste.

4. FÁBULAS DE FEDRO

Vacca, capella, ouis et leo (I, 5.)

*Nunquam est fidelis cum potenti societas;
testatur haec fabella propositum meum.
Vacca et capella et patiens ouis iniuriae
socii fuere cum leone in saltibus.
Hi cum cepissent ceruum vasti corporis, (5)
sic est locutus partibus factis leo:
“Ego primam tollo; nominor quia rex meast;
secundam, quia sum socius, tribuetis mihi;
tum, quia plus ualeo, me sequetur tertia;
malo afficietur siquis quartam tetigerit.” (10)
Sic totam praedam sola improbitas abstulit.*

Asinus ad senem pastorem (I, 15.)

*In principatu commutando ciuium
nil praeter domini nomen mutant pauperes.
Id esse uerum parua haec fabella indicat.
Asellum in prato timidus pascebat senex.
Is hostium clamore subito territus (5)
suadebat asino fugere, ne possent capi.
At ille lentus: “Quaeso, num binas mihi
clitellas impositurum uictorem putas?”
Senex negauit. “Ergo quid refert mea
cui seruiam, clitellas cum portem meas? (10)*

Leo senex, aper, taurus et asinus (I, 21.)

*Quicumque amisit dignitatem pristinam,
ignauis etiam iocus est in casu graui.
Defectus annis et desertus uiribus*

*leo cum iaceret spiritum extremum trahens,
aper fulmineis uenit ad eum dentibus (5)
et uindicauit ictu ueterem iniuriam.
Infestis taurus mox confodit, cornibus
hostile corpus. Asinus ut uidit ferum
impune laedi, calcibus frontem extudit.
At ille expirans: “Fortis indigne tuli (10)
mihi insultare; te, naturae dedecus,
quod ferre in morte cogor, bis uideor mori!”*

Aquila et cornex (II, 6.)

*Contra potentes nemo est munitus satis;
si uero accessit consiliator maleficus,
uis et nequitia quicquid oppugnant ruit.
Aquila in sublime sustulit testudinem.
Quae cum abdidisset cornea corpus domo (5)
nec ullo pacto laedi posset condita,
uenit per auras cornix et propter uolans:
“Opimam sane praedam rapuisti unguibus;
sed nisi monstraro quid sit faciendum tibi,
graui nequiquam te lassabit pondere.”*

*Promissa parte suadet ut scopulum super
altis ab astris duram illidat corticem,
qua comminuta facilem uescatur cibum.
Inducta uerbis aquila monitis paruít, (15)
simul et magistrae large diuisit dapem,
sic tuta quae naturae fuerat munere,
impar duabus occidit tristi nece.*

Tradução

A vaca e a cabrinha, a ovelha e o leão(I, 5.)

Nunca a sociedade é fiel com o poderoso; esta pequena fábula atesta o meu propósito.

A vaca e a cabrinha e a ovelha sofredora de injustiça foram sócios com o leão nas florestas. Como estes tivessem capturado um cervo de vasto corpo, assim falou o leão feitas as partes: “Eu apanho a primeira; é minha, uma vez

que me chamo rei; vós concedeis a mim a segunda porque sou sócio; então a terceira me seguirá porque valho mais; se alguém tocar na quarta será atingido pela desgraça.” Assim o desaforo sozinho levou toda a presa.

O jumento ao velho pastor (I, 15.)

No governo dos cidadãos que deve ser mudado, os pobres não mudam exceto o nome do soberano. Esta pequena fábula mostra que isso é verdade.

Um velho tímido apascentava, no prado, o jumentinho. Ele (o velho) aterrado pelo clamor súbito de inimigos, aconselhava o jumento a fugir para que não pudessem ser presos. Mas aquele (o jumento) calmo: “Peço, por acaso tu julgas que o vencedor me há de pôr duas cargas?” O velho negou. “Logo, que me importa a quem eu servirei, desde que eu carregue as minhas cargas?”

O velho leão, o javali, o touro e o burro (I, 21.)

Todo aquele que perdeu a antiga dignidade é até mesmo um divertimento aos covardes na grave queda.

Quando, enfraquecido pelos anos e abandonado pelas forças, o leão jazia arrancando o último alento, o javali veio até ele, com dentes fulminantes e vingou, com uma pancada, uma antiga injustiça. Em seguida, o touro trespassou o corpo hostil com seus temíveis chifres. Quando o burro viu a fera ser ferida impunemente, quebrou-lhe a cabeça com coices. Mas ele expirando: “Sofri indignamente que os fortes me insultassem; pareço morrer duas vezes, pois sou obrigado, na morte, a te suportar, vergonha da natureza.”

A águia e a gralha (II, 6.)

Ninguém está bastante protegido contra os poderosos; mas se um conselheiro maldoso reúne-se (a estes) desaba tudo aquilo que a força e a maldade atacam.

Uma águia levantou uma tartaruga para o alto. Como esta tivesse guardado o corpo na concha córnea e não pudesse de algum modo ser ofendida, uma gralha veio pelos ares e voando próximo: “Certamente agarraste com as unhas uma ótima presa, mas se eu não te mostrar o que deva ser feito por ti, te cansarás inutilmente com grande peso.” Prometida uma parte, persuade-a a que despedace dos altos astros sobre a rocha a dura casca, esmigalhada esta, facilmente se nutrirá do alimento. A águia, levada pelas palavras, obedeceu aos conselhos, e, ao mesmo tempo, dividiu com a mestra generosamente o banquete. Assim, dessemelhante às duas, morreu de triste

morte a que havia sido protegida pelo dom da natureza.

5. COMENTÁRIOS SOBRE AS FÁBULAS DE FEDRO

5.1. As relações de assimetria e de dominação presentes nas fábulas sobre a prepotência

As fábulas selecionadas são voltadas para o aconselhamento. Fedro procura mostrar o abuso do poder dos mais fortes em relação aos mais fracos, como encontramos em qualquer sociedade. A consequência disso é que os oprimidos, por causa da prepotência, sentem-se reprimidos e, na maioria das vezes, sujeitam-se ao inimigo.

Segundo Ana Thereza (VIEIRA, 1992:31), o problema em relação ao abuso do poder talvez seja um reflexo da vida da época de Fedro, visto que os imperadores eram inclinados a cometerem alguns abusos, como, por exemplo, a perseguição aos escritores que falassem mal de suas pessoas e dos seus.

No dicionário Aurélio, encontramos alguns significados para a palavra ‘prepotência’: “grande poder ou influência; opressão; despotismo.” É este tipo de defeito que percebemos através dos gestos e das falas dos personagens nas fábulas selecionadas. Reconhecemos, portanto, uma relação de assimetria e de dominação entre os personagens, com diferentes papéis sociais. Como constatam LINELL E LUCKMANN (1990: 11):

Alguns aspectos das relações assimétricas estão claramente correlacionadas com posições nas hierarquias sociais. As conversas entre especialistas e profissionais com clientes e pessoas leigas, nos mais variados contextos institucionais, como, por exemplo, tribunais, interrogatórios policiais, consultórios médicos, interações em sala de aula, ocupam uma posição de poder, autoridade e conhecimento. Tais contextos, juntamente com as práticas rotineiras de realizar a interação, exercem uma forte influência sobre os discursos.

As fábulas têm como personagens principais o leão, que tem autoridade sobre os outros animais por ser o mais forte e o mais poderoso (I, 5.), todavia quando este perde a sua glória, por causa da velhice, é humilhado pelos seus inimigos (I, 21.); o jumento, representante dos mais fracos, que se conforma em ser submisso aos poderosos (I, 15.); e, enfim, a gralha e a águia, representantes da maldade e do poder, respectivamente, atacam cruelmente a tartaruga (II, 6.).

Sabemos que a linguagem dos personagens varia de acordo com as condições socioeconômicas de seu meio, a idade, o grau de instrução e a

região em que vivem. O autor utiliza os animais para demonstrar as atitudes dos homens daquela época em relação aos seus submissos.

Norman (FAIRCLOUGH, 2008:77), em *Discurso e mudança social*, afirma que “uma ênfase significativa em Foucault (1984) é sobre luta de poder em torno da determinação das práticas discursivas: “*O discurso é não apenas o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é a coisa para a qual e pela qual a luta existe, o discurso é o poder a ser tomado.*”

5.2. Análise das fábulas selecionadas

- *Vacca, capella, ouis et leo (I, 5.)*

Esta pequena narração, apresentada por Fedro, tem por objetivo mostrar que todas as pessoas precisam ter sabedoria para não estabelecer sociedade com os poderosos.

As três personagens da fábula, *uacca* (vaca), *capella* (cabrinha) e *ouis* (ovelha), aparecem no terceiro verso, representando a fragilidade. Percebemos isso através da forma com que Fedro apresenta cada animal. Observe: Para cabra, ele utiliza o substantivo, no diminutivo, *capella* (cabrinha) a fim de demonstrar que se trata de um animal pequeno. Em seguida, o autor utiliza, para a ovelha (*ouis*), o particípio presente *patiens* com valor de adjetivo, demonstrando a sua fragilidade: *patiens ouis iniuriae* (“ovelha sofredora de injustiça”).

No quarto verso, encontramos o personagem que representa a força: o leão (*leo*). Observamos essa força através de elementos empregados por Fedro, como *rex* e *plus ualeo*. O leão faz questão de mostrar, com o seu discurso, que animal algum é capaz de vencê-lo.

Os animais frágeis, com falta de sabedoria, procuram associar-se ao poderoso animal, pensando em obter vantagens; todavia sofrem uma grande decepção por causa da falsidade do animal feroz: *Sic totam praedam sola improbitas abstulit*. (“Assim o desaforo sozinho levou toda a presa.”)

No que diz respeito ao primeiro verso, há uma certa semelhança com o trecho do Evangelho (2 Coríntios 6:14 – segunda epístola do Apóstolo S. Paulo aos Coríntios, por volta de 50 d. C.): “Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?” Tanto o primeiro verso da fábula como o trecho do Evangelho têm a preocupação em mostrar o cuidado que todos devem ter, a fim de que não pereçam, ao confiar em qualquer pessoa.

Percebemos uma relação assimétrica entre os personagens (*uacca*, *ouis* e *capella*, representantes dos mais fracos, e *leo*, representante dos mais fortes), já que estabelece uma hierarquia, uma desigualdade, pois é o leão que tem o

poder de decidir a partilha. Observe o discurso:

1. “*Ego primam tollo; nominor quia rex meast;(...)*”

Ele aproveita o fato de ser o rei da floresta, o que demonstra a sua soberania.

2. “*secundam, quia sum socius, tribuetis mihi; (...)*”

O animal afirma que, como sócio, tem todo o direito à segunda parte do cervo.

3. “*tum, quia plus ualeo, me sequetur tertia; (...)*”

O leão para conseguir a terceira parte dá outra desculpa: diz que tem mais valor que todos. Ele aproveita-se de sua força.

- *Asinus ad senem pastorem (I, 15.)*

Fedro mostra através da fábula uma situação que ocorre até os dias de hoje: a mudança do governo e a comodidade das pessoas que, na maioria das vezes, são pobres e sem instrução. Estas não temem quando trocam de governantes, visto que continuarão sempre na mesma situação, por isso não se preocupam em fugir.

O autor, para representar o povo, utiliza a figura do jumento (*asinus*). Este aparece no quarto verso da fábula, no diminutivo ‘*asellum*’ (jumentinho), deixando transparecer que se trata de um animal indefeso. É um animal que se preocupa apenas com seus afazeres e que não se importa com os governantes: *Ergo quid refert mea cui seruiam, clitellas cum portem meas?* (“Logo, que me importa a quem eu servirei, desde que eu carregue as minhas cargas?”). Este é um típico traço de uma sociedade que se conforma com qualquer tipo de situação, ou seja, não luta para melhorar o país em que vive.

Um outro personagem que aparece na fábula é o velho pastor (*senex pastor*) que também aparece no quarto verso. O pastor, assim como o jumento, é um personagem indefeso. Podemos comprovar através da forma como Fedro o qualifica: “(...) *senem pastorem*”, como aparece no título da fábula, e “*timidus senex*”, que aparece no quarto verso. Por meio das características, notamos que o pastor já não tem disposição e nem coragem para lutar; logo, a única solução é fugir: *Is hostium clamore subito territus suadebat asino fugere, ne possent capi*. (Ele (o velho) aterrado pelo clamor súbito de inimigos, aconselhava o jumento a fugir para que não pudessem ser presos.)

Percebemos também, nesta fábula, uma relação assimétrica entre os personagens que representam os mais fracos, *pastor* e *asinus*, e o que representa os mais fortes, *principatus*, já que estabelece uma hierarquia.

- *Leo senex, aper, taurus et asinus (I, 21.)*

A fábula nos apresenta a vingança dos fracos, mostrando que os poderosos, quando não estão mais por cima, poderão ser humilhados por aqueles que foram suas vítimas por muito tempo. Assim, o leão representa os poderosos, mas já sem o vigor da juventude; o javali, o touro e o jumento representam os fracos, mas que tiveram a oportunidade de se vingar daquele que os humilhou um dia.

Fedro ao retratar o leão, como aquele que perdeu sua força, utiliza alguns elementos que o qualificam deste modo. Observe:

→ “defectus annis” (“enfraquecido pelos anos”) – verso 3

→ “desertus uiribus” (“abandonado pelas forças”) – verso 3

Percebemos que o leão não é mais jovem e, por esse motivo, é incapaz de utilizar a sua força para se defender ou atacar, como antes.

→ “spiritum extremum trahens” (“arrancando o último alento”) – verso 4

O leão, além de estar velho, encontra-se em uma situação difícil: está perto de falecer. O animal que já teve um momento de esplendor, está agora incapacitado, esperando a hora da sua morte.

Fedro utiliza alguns recursos para demonstrar a forma como o leão foi judiado pelos seus inimigos. No verso 5, o javali (*aper*) aparece em cena. Este utiliza os dentes a fim de atacar o animal velho: *dentibus fulmineis*. No verso 7, o touro (*taurus*) usa os seus chifres temíveis para se vingar do leão: *cornibus infestis*. Já no verso 9, o jumento (*asinus*) aproveita também para maltratar o animal, quebrando-lhe a cabeça com coices: *calcibus*. As formas usadas pelos animais (*dentibus fulmineis*, *cornibus* e *calcibus*) para atacar o velho leão, têm a função de um ablativo instrumental. Segundo Ernesto (FARIA, 1958:359), este tipo de ablativo indica o instrumento e, em sentido figurado, o meio empregado para fazer uma ação.

Fedro utiliza alguns verbos que fazem parte do mesmo campo semântico, a fim de apresentar o ato de violência para com o animal. Observe: no verso 6, *uindicare* (vingar); no verso 7, *confodere* (cavar, dilacerar); no verso 9, *extundere* (quebrar, abrir) e no verso 11, *insultare* (insultar, atacar).

Nesta fábula, o leão encontra-se subordinado aos outros animais (*aper*, *taurus* e *asinus*), por causa da situação de desvantagem. Constatamos isso através das atitudes dos seus inimigos e de seu discurso no verso 10: *fortis indigne tuli mihi insultare; te, naturae dedecus, quod ferre in morte cogor, bis uideor mori!* (“Sofri indignamente que os fortes me insultassem; pareço morrer duas vezes, pois sou obrigado na morte a te suportar, vergonha da natureza!”)

- *Aquila et cornex* (II, 6.)

Esta fábula tem por objetivo mostrar que muitas pessoas caem em

desgraça, quando são vítimas dos poderosos unidos aos malfeitores. É assim que a gralha, convencendo a águia com o seu conselho maléfico, faz com que ela esmigalhe a dura concha da tartaruga sobre um rochedo a fim de devorá-la facilmente.

No quarto verso da fábula, aparece a águia (*aquila*), personagem representante dos mais fortes. Desejosa de devorar a tartaruga, associou-se a um personagem maléfico, *cornex*, a fim de obter vantagens. Fedro para retratar a águia utiliza as palavras “uis” e “potens”, demonstrando que se trata de um animal que tem força e é poderoso.

A gralha, representante da maldade, aparece no sétimo verso. Esta procura dar conselhos à águia para também tirar proveito da presa: “Sane rapuisti unguibus opimam praedam; sed nisi monstraro quid sit faciendum tibi, lassabit te nequiquam graui pondere.” (“certamente agarraste com as unhas uma ótima presa, mas se eu não te mostrar o que deva ser feito por ti, te cansará inutilmente com grande peso.”) A gralha persuade o animal através do seu conhecimento sobre a presa; assim consegue o que tanto almejava. Observe: “Aquila inducta uerbis paruit monitis, et simul diuisit magistrae lage dapem.” (“A águia, levada pelas palavras, obedeceu aos conselhos, e, ao mesmo tempo, dividiu com a mestra generosamente o banquete.”). O autor para retratar o animal utiliza as seguintes palavras: “consiliator maleficus”; “nequitia”; “magistrae”.

A tartaruga, representante dos mais fracos, não tem a chance de sobreviver, uma vez que “ruit quicquid uis et nequitia oppugnant.” (“desaba tudo aquilo que a força e a maldade atacam.”). Aquela que poderia ser protegida pelo seu dom natural, *duram corticem*, perde a oportunidade graças ao discurso maléfico da gralha. Fedro para retratar a tartaruga (*testudo*) utiliza o substantivo “praedam” (“presa”) e a expressão “impar duabus” (desigual às duas), afim de demonstrar que ela é totalmente subordinada às duas aves.

5.3. Recursos estilísticos

Personificação

Segundo Othon Moacyr (GARCIA, 1971:80), há uma infinidade de metáforas constituídas por palavras que denotem ações, atitudes ou sentimentos próprios do homem, mas aplicadas a seres ou coisas inanimadas. Percebemos essa figura em:

? “sic est locutus partibus factis leo; (...)” (“ assim **falou o leão** feitas as partes (...)”) – (I, 5, v. 6)

? “uis et nequitia quicquid oppugnant ruit.” (“desaba tudo aquilo que **a força e a maldade atacam.**”) – (II, 6, v. 3)

? “At ille lentus: *Quaeso, num binas mihi clitellas impositurum uictorem putas?*” (“Mas aquele (o jumento) calmo: **Peço**, por acaso tu julgas que o vencedor me há de pôr duas cargas?”) – (I, 15, v.7)

? “At ille experians: *fortis indigne tuli (...)*” (“Mas ele expirando: **Sofri indignamente que os fortes (...)**”) – (I, 21, v.10)

Notamos que não só os animais agem como se fossem humanos, ou seja, têm atitudes ou sentimentos próprios do homem, mas também as coisas inanimadas (força e maldade).

Gradação

*“Ego primam tollo; nominor quia rex meast;
secundam, quia sum socius, tribuetis mihi;
tum, quia plus ualeo, me sequetur tertia;
malo afficietur siquis quartam tetigerit.”*

(“Eu apanho a primeira; é minha, uma vez que me chamo rei; vós concedei a mim a segunda porque sou sócio; então a terceira me seguirá porque valho mais; se alguém tocar na quarta será atingido pela desgraça.”) – (I, 5, v. 7-10)

Percebemos uma disposição de palavras de uma enumeração em ordem crescente, uma vez que o leão inicia a conversa de uma maneira (um pouco civilizado) e termina de outra (partindo para agressão).

Metáfora

É uma figura que consiste em empregar uma palavra fora do seu sentido normal, demonstrando uma semelhança entre seres. Observe: “(...) *ignavis etiam iocus est in casu graui.*” – (I,21, v.2), (“(...) **é até mesmo um divertimento** aos covardes na grave queda.”). Notamos que Fedro associa o leão ao divertimento.

Hipérbole

Notamos que o leão utiliza a expressão exagerada “(...) **bis uideor mori.**” (“(...) pareço morrer duas vezes.”) – (I, 21, v.12) para dar maior ênfase ao seu sofrimento.

Polissíndeto

Consiste na repetição constante de uma conjunção coordenativa entre termos coordenados entre si. Podemos observar esta figura de construção não só aparece no título da fábula, mas também no verso 3: “*Vacca et capella, ouis et leo*” (“A vaca e a cabrinha, a ovelha e o leão) e “*Vacca et capella et patiens ouis iniuriae (...)*” (“A vaca e a cabrinha e a ovelha sofredora de injustiça”).

Aliteração

É a repetição de um mesmo fonema para destacar determinado som

ou para imprimir ritmo à frase. Um exemplo claro é o verso 12 (I, 21): “quod **ferre** in morte cogor, bus uideor mori.” (“pareço morrer duas vezes, pois sou obrigado, na morte, a te suportar, vergonha da natureza.”). O autor constrói a fala do leão por meio da aliteração em *r*, uma fricativa que traduz o desespero do animal.

Assonância

Percebemos a repetição de vogais, também para dar ritmo, em: “**Quicumque amisit dignitatem pristinam, (...)**” (“Todo aquele que perdeu a antiga dignidade (...)) – (I, 21, v.1)

Adjetivação

Encontramos adjetivos utilizados para qualificar os personagens da fábula (II, 6.), como, por exemplo, “*consiliator maleficus*” (“conselheiro maldoso”), “*impar duabus*” (“desigual às duas”) e “*potens*” (“poderoso”).

Máximas morais

As máximas morais funcionam como recursos estilísticos do gênero fabulístico. Observe que estas aparecem iniciando as fábulas, por esse motivo foram escritas pelo próprio autor:

- a. *Nunquam est fidelis cum potenti societas;
testatur haec fabella propositum meum. (I, 5, V. 1-2)*
- b. *In principatu commutando ciuium
nil praeter domini nomen mutant pauperes.
Id esse uerum parua haec fabella indicat. (I, 15, V.1-3)*
- c. *Quicumque amisit dignitatem pristinam,
ignavis etiam iocus est in casu graui. (I, 21, v. 1-2)*
- d. *Contra potentes nemo est munitus satis;
si uero accessit consiliator maleficus,
uis et nequitia quicquid oppugnant ruit. (II, 6, v. 1-3)*

Concluimos, enfim, este artigo na certeza de que Fedro tinha a preocupação em abordar as mais variadas fraquezas do homem, fazendo reflexões sobre o seu comportamento através de suas fábulas. O autor utiliza, como personagens, na maioria das vezes, os animais. É a partir das atitudes destes, que vimos representados os costumes corrompidos da vida humana, trazendo, assim, a inimizade de pessoas que ali se viam retratadas.

Tivemos a oportunidade de ver que algumas fábulas de Fedro apresentam, como tema, a prepotência, ou seja, o abuso do poder dos mais fortes em relação aos mais fracos, um dos problemas encontrados na sociedade, na época do autor. Percebemos, com isso, uma relação de assimetria, visto que retrata classes sociais ou posição social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYET, Jean. *Literatura latina*. Prólogo de José Alsina Clota, Barcelona, Ariel, 1972.

ESOPO. *As fábulas de Esopo em texto bilíngue grego-português*. Trad. Manuel Avelaz. Rio de Janeiro, Thex ed., 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UNB, 2008.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1958.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 2.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.

GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GONÇALVES, Maximiano Augusto. *Fábulas de Fedro*. RJ: Livraria H. Antunes, 1981.

LINELL, Per & LUCKMANN, Thomas. *Asymmetries in Dialogue: some Conceptual Preliminaries*, in I. Markova, K. Foppa. Eds. *Asymmetries in Dialogue*, 1990.

MARCUSHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.

SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11.ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.

TEIXEIRA, Auto Lyra. *O Hípias Maior de Platão: uma abordagem conversacional*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001. Tese de doutorado em Língua e Literatura Grega.

VIEIRA, Ana Thereza Basílio. *A sobrevivência das fábulas de Fedro*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992. Dissertação de mestrado em Língua e Literatura Latina.

_____. *Aviano: uma nova perspectiva para as fábulas latinas*. In: *Calíope*; Presença clássica. Rio de Janeiro, J. Di Giorgio & Cia Ltda, 2003.

LATIM INSTRUMENTAL PARA DIREITO

Prof. Me. Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ)

RESUMO:

O presente trabalho pretende apresentar a relevância do estudo do latim instrumental para o Direito na UERJ e em qualquer instituição acadêmica que se preze. Apresentamos no *corpus* do trabalho não só a origem do vocábulo Direito, como também uma profunda preocupação com a exímia formação clássica e humanista do futuro causídico e com os docentes de latim que devem ministrar esta disciplina com metologia e amor.

Também colocamos em foco uma figura que jamais deverá ser apagada de nossas memórias, o saudoso e amigo, prof. Me. Magalhães, que muito ensinou o latim com entusiasmo, pouco visto, aos discentes do Direito e do curso de Letras da UERJ.

Palavras-chave: Latim instrumental, Direito, Letras, UERJ.

Os Gregos e Romanos registraram os seus conhecimentos de forma brilhante na Literatura, na Filosofia, nas Ciências e nas Artes. Não obstante, foram os Romanos que criaram o Direito como nós o conhecemos. Neste artigo, trataremos um pouco, acerca do curso latim instrumental para Direito, ministrado na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) pelos docentes de latim do Instituto de Letras.

Iniciaremos o nosso trabalho, explicando o significado etimológico da palavra direito e, posteriormente, apresentaremos o escopo e a relevância do curso para os discentes da graduação, mormente aos futuros advogados. Outrossim, deixamos abaixo um espaço aos leitores para reflexão sobre a formação clássica dos causídicos e sobre a formação de nossos futuros docentes para essa disciplina.

Em sua origem, o vocábulo “direito” provém do latim vulgar, *directus* que significa direito, o que é reto, o que é direito e não se origina do *ius* do latim clássico.

O latim torna-se um dos instrumentos verbais do advogado porque é uma disciplina de raciocínio lógico, língua de pessoas cultas que valorizam a tradição desta ciência. Utilizar-se do latim na retórica demonstra saber e cultura, bem como o orador torna-se destacado diante dos néscios da língua.

Vale lembrar que, em qualquer livro do Direito, encontramos pelo menos uma citação em latim, geralmente, sem tradução para o vernáculo. Quem nunca ouviu falar em *curriculum vitae*, *dura lex, sed lex*, *data venia, status quo*, *habeas corpus*, *lato sensu*, *stricto sensu* ou *campus* universitário? No Direito, temos inúmeras expressões em aforismos, em locuções latinas, em brocardos jurídicos, em provérbios e expressões latinas.